

EXPERIÊNCIA DE TRANSIÇÃO DO ENSINO REMOTO PARA O ENSINO PRESENCIAL NO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

EXPERIENCE OF TRANSITION FROM REMOTE TO FACE-TO-FACE TEACHING IN THE PEDAGOGICAL RESIDENCY PROGRAM

Bruna da Rosa Machado¹ 

Elisiane Peixoto Cardona Biurrun² 

Cristiano Peres Oliveira³ 

Resumo: O presente texto traz um relato de experiência de uma residente voluntária do Programa de Residência Pedagógica, durante o ano de dois mil e vinte e um, em uma escola municipal de Ensino Fundamental da cidade de Bagé/RS, em turmas de nono e sexto anos do Ensino Fundamental, durante a transição entre ensino remoto e ensino presencial. A autora aborda os momentos de observação das aulas presenciais e remotas e sua atuação com as turmas em que atuou como professora residente. Neste trabalho também são apresentados aspectos como os medos enfrentados por uma professora iniciante, suas inseguranças e incertezas sobre o processo de transição que ocorria no ano de dois mil e vinte e um, que se dava por conta do período da pandemia de COVID-19. O relato traz também algumas reflexões acerca do papel da matemática, buscando trazer uma relação entre a teoria e a prática, evidenciando algumas potencialidades e possibilidades a partir das vivências no período de ensino remoto. A partir dessas reflexões buscou-se colaborar para que a matemática possa ser, cada vez, vista como um objeto de conhecimento capaz de contribuir para formar os alunos em pessoas críticas e reflexivas, cientes do seu papel de agentes de transformação social.

Palavras-chave: Matemática. Ensino remoto. Ensino presencial. Residência pedagógica.

Abstract: The present text is a report of the experience of a volunteer resident of the Pedagogical Residency Program, during the year two thousand and twenty-one, in a municipal elementary school in the city of Bagé/RS, in ninth and sixth grade classes of elementary school, during the transition between remote and face-to-face teaching. The author discusses the observation of face-to-face and remote classes and her performance with the classes in which

¹ Licencianda em Matemática, Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA, brunadm2.aluno@unipampa.edu.br

² Mestranda em Ensino de Ciências e Matemática, Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Peri Coronel, elisianebiurrun@hotmail.com.

³ Doutor em Modelagem Computacional, Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé, cristianooliveira@unipampa.edu.br.

she worked as a resident teacher. This work also presents aspects such as the fears faced by a beginning teacher, her insecurities and uncertainties about the transition process that occurred in the year two thousand and twenty-one, which was due to the period of the COVID-19 pandemic. The report also brings some reflections about the role of mathematics, trying to bring a relationship between theory and practice, highlighting some potentialities and possibilities from the experiences in the period of remote teaching. Based on these reflections, we tried to collaborate so that mathematics can be seen as an object of knowledge capable of contributing to form students into critical and reflective people, aware of their role as agents of social transformation.

Keywords: Mathematics. Remote teaching. Presential teaching. Pedagogical residency.

1 INTRODUÇÃO

Com o surgimento de um vírus altamente transmissível na China no final do ano de 2019 e com o início de uma pandemia, tendo pouca ou nenhuma ideia do que se fazer com o andamento da educação no Brasil, as escolas e universidades desenvolveram métodos para o ensino remoto, e cada organização tentou fazer o melhor que pôde para que tivéssemos um ensino de qualidade, mesmo que de forma remota.

Após um ano e meio de estudos exclusivamente de forma on-line, no segundo semestre do ano de dois mil e vinte e um, as escolas públicas iniciaram o processo de transição do ensino remoto para o ensino presencial, trazendo esperança de dias melhores e um retorno ao que julgávamos ser “normal” como forma de ensino.

Ingressei na Universidade Federal do Pampa no ano de 2018, já no curso de Matemática – Licenciatura e desde então estou inserida em programas de pesquisa, ensino e extensão. Como atividade de ensino participei do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, nos anos de 2018 e 2019 e acredito ter sido uma experiência que me possibilitou a construção de conhecimento sobre a atividade docente na educação básica, além de criar a relação aluno/professor/aluno desde o início da graduação.

Quando tive a possibilidade de participar, como residente voluntária, do Programa Residência Pedagógica, já na segunda metade da graduação, entendi que era uma ótima oportunidade de estreitar mais os laços, aprender ensinando e ensinar aprendendo, me desafiar a conhecer novas turmas, organizações escolares e métodos para o ensino, oportunidade de aprender com a professora preceptora, por meio das observações em sala de aula e das orientações durante o andamento do módulo e nas orientações com o docente orientador do programa no meu curso.

Participei de dois módulos do Programa de Residência Pedagógica – cada um em uma turma diferente – que são divididos entre reflexão sobre as leituras base, observação das aulas das professoras e atuação direta com os alunos em sala de aula, então, após as leituras e cada período de observação

em sala de aula tanto de forma virtual quanto de forma presencial, chegava a minha vez de assumir a turma e ministrar as aulas, o que me permitiu passar por este processo de transição do ensino remoto para o presencial juntamente com a comunidade escolar, podendo criar reflexões pertinentes ao momento vivido por mim e pelos meus alunos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A ESCOLA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental situada na cidade de Bagé – RS. É uma escola pequena, conta com área com acessibilidade estrutural, salas de aulas amplas, biblioteca, refeitório, área de lazer e saguão. Possui acesso à internet, televisores e copiadoras. Atende alunos de educação infantil e ensino fundamental completo, anos iniciais e finais, com ensino regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Entre dois mil e vinte e dois mil e vinte e dois recebe o núcleo de matemática do Projeto Residência Pedagógica (PRP).

2.2 EXPERIÊNCIA REMOTA

Entrei no PRP em maio de dois mil e vinte e um, quando o módulo dois já estava em andamento, fiz as leituras e reflexões necessárias e logo comecei as observações das aulas de uma turma de sexto, oitavo e nono ano e de três turmas de sétimos anos do Ensino Fundamental, entre os meses de maio e setembro.

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Matemática da Unipampa Bagé (2014) os objetivos do Estágio de Observação são:

Investigar a realidade da sala de aula no Ensino Fundamental e Médio, no contexto da escola, examinando o processo de ensino e aprendizagem com foco na organização da escola, postura educacional dos professores, planejamentos, objetivo da atividade, conteúdo das aulas, metodologia utilizada, formas de avaliação, relações professor e aluno, relações professores e pessoal administrativo, dificuldades de aprendizagem e relações entre alunos. Relacionar as observações com os conteúdos de discussão em sala

de aula, estabelecendo a conexão da prática com a teoria, analisando as realidades sobre as quais atuarão. Reconhecer nos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais uma oportunidade de proporcionar aos alunos do Ensino Fundamental reflexões e discussões sobre questões étnicas, raciais, de gênero e sexualidade, ambientais e referentes aos direitos humanos (UNIPAMPA, 2014, pg. 68).

No início das observações, procurei esses objetivos no PPC (2014) para entender um pouco mais sobre o que eu deveria perceber durante o processo. Reconheço que alguns tópicos eu não consegui observar devido à falta de proximidade com a escola nesta época pandêmica, porém grande parte do que foi observado se apresenta em consonância com o que eu entendo como principal para poder ministrar as aulas, que são: a realidade escolar, postura educacional dos professores e relação professor/aluno.

A rede municipal pensou um cronograma com datas e conteúdo para que as atividades acontecessem de forma remota e que todas as escolas tivessem a mesma organização. As aulas ocorreram predominantemente de forma remota, foi apenas no final das observações que as escolas voltaram de forma gradativa para o ensino presencial, de qualquer forma alguns alunos ainda acompanhavam as aulas pelo computador, em casa.

As professoras preceptoras ministraram as aulas pelo *Google Meet* e acompanharam o andamento das atividades pelo *Google Classroom* e por grupos do *WhatsApp*. A direção e coordenação da escola tiveram um papel fundamental para que as atividades acontecessem, deram abertura para as professoras organizarem com as turmas aulas de reforço, atividades extras com os residentes do Programa de Residência Pedagógica ou somente com as professoras.

As aulas via *Google Meet* tiveram sempre interação professor-aluno, por meio de jogos on-line, formulários, bate-papo síncrono, e a explicação do conteúdo acontecia por meio de *Power Point*, mesa digitalizadora, quadro e giz, *softwares* dinâmicos e alguns sites que possibilitavam a criação de aulas *on-line*.

Os alunos foram participativos em todas as atividades, observei que eles sanavam suas dúvidas em relação aos conteúdos e interagem com a

professora sempre que necessário, alguns discentes ficavam com as câmeras e microfones abertos. As professoras e residentes ministravam as aulas com a câmera aberta.

As avaliações ocorreram durante todo o período de aula, tanto na participação dos alunos, na interação pelo chat do *Google Meet*, *WhatsApp*, *Google Classroom*, como pelo envio das atividades propostas e com avaliação formal de maneira escrita.

Quanto aos conteúdos ministrados, as escolas seguiram o previsto no Referencial Curricular Gaúcho (2018), porém adaptaram ao cotidiano dos alunos nesse momento de pandemia, chamaram esses conteúdos de “objetos de conhecimento prioritários”.

Observei, dentre outras, aulas de frações, operações com números racionais, cálculo de porcentagens, plano cartesiano, múltiplos e divisores, potenciação e radiciação, equações de primeiro e segundo grau, teorema de Pitágoras e funções.

Passado o tempo de observação, comecei remotamente a ministrar as aulas para a turma do nono ano, o conteúdo previsto era equação do segundo grau, também chamada de equação quadrática. Senti certa dificuldade em planejar as aulas na forma remota, pois sempre preferi ministrar as aulas com auxílio de material concreto.

Para trabalhar equação quadrática eu usei o GeoGebra (2022) e o *WordWall* (2022). O primeiro é um *software* de matemática dinâmica que combina a geometria e a álgebra e o segundo é um site para criação de atividades personalizadas *on-line*.

Os alunos gostaram das aulas e das dinâmicas que foram realizadas para o ensino/aprendizagem do conteúdo. Mesmo com a dificuldade de acesso à internet que alguns alunos tinham, e até mesmo eu em alguns momentos, conseguimos manter a ordem de raciocínio e todos acompanharam bem o conteúdo.

Após esse período começou a transição para o ensino presencial, na mesma época em que o módulo dois terminou para começar o três.

2.3 TRANSIÇÃO

Após um ano e meio de expectativa, organização e trabalho para que pudesse acontecer, o ensino presencial começou a tomar forma. As escolas aos poucos organizaram o que era principal para o retorno: equipamentos de proteção individual, álcool em gel e distanciamento – sempre que possível – nas aulas. Os professores já estavam vacinados com as duas doses, mas ainda não havia vacina para as crianças. Aos poucos as aulas foram retornando presencialmente, mas com o apoio das plataformas digitais, até que num determinado momento foram suspensas as plataformas e veio a obrigatoriedade da aula presencial.

2.4 EXPERIÊNCIA PRESENCIAL

Em uma pesquisa realizada pelo *Institute for Management Development - World Competitiveness Center* (2021) com 64 nações, no eixo que avalia a educação, o Brasil aparece em 64º lugar, ou seja, em último, no mesmo relatório é apresentado que um dos principais fatores é a falta de incentivo governamental.

O eixo norteador de qualquer país deveria ser a educação, não poderemos crescer como Estado sem colocar como meta a formação de seres reflexivos, críticos, estudiosos e capazes de argumentação. O que vejo no nosso país é justamente o contrário, e é o que a referida pesquisa mostra também.

Aprendi durante a minha formação, a ter este olhar para os professores da educação básica que muitas vezes não são compreendidos nem valorizados pela sociedade, deixando-os desestimulados a exercerem seu papel formador na vida dos seus alunos, o que reflete no âmbito pessoal dos mesmos e, mais tarde, no crescimento profissional dos cidadãos brasileiros, gerando diversos déficits para o nosso país.

Como o módulo dois do PRP havia terminado, e um novo módulo iniciado, os residentes foram orientados a escolherem uma nova turma para atuarem, conforme horário disponível e os conteúdos a serem ministrados.

Eu escolhi a turma 61 – sexto ano – pois eram duas horas-aula em dois dias da semana, quarta-feira e sexta-feira, o que facilitava o meu deslocamento até a escola e não dava conflito de horário com as minhas outras atividades. Nos dias em que fui observar as aulas, percebi logo no início que seria uma experiência muito diferente da remota, o contato direto com os alunos traz muita diferença na qualidade do ensino, pois eu sinto necessidade de estar próxima ao meu aluno. Acredito que desta forma consigo perceber o que ele não me diz, seja por timidez, vergonha, ou apenas por não saber expressar suas dificuldades e facilidades naquele momento.

Segundo Gómez (1992), a prática da docência/regência, deve ser o eixo central de toda a formação docente, e o pensamento do professor é aprendido a cada nova experiência.

[...] a prática deve ser entendida como eixo central da formação de professores (p. 111), pois, “o pensamento prático do professor não pode ser ensinado, mas pode ser aprendido. aprende-se fazendo e refletindo na e sobre a ação (p. 112) (GÓMEZ, 1992, p. 111, *apud* FIORENTINI; CASTRO, 2003, p. 152).

Tendo a liberdade de ministrar as aulas do meu jeito, mesmo com a orientação da professora preceptora, eu pude resgatar minha sensibilidade docente de entender as necessidades específicas de cada aluno, o que no ensino remoto não foi possível, pois não conseguia ter controle dos movimentos, dos olhares, do tom da voz, das pernas retraídas...e são nesses momentos que eu entendo a individualidade de cada aluno da turma.

Os mais retraídos muitas vezes entendem o conteúdo, sabem o exercício, mas não tem segurança suficiente para se posicionarem na frente dos colegas, já os mais expansivos que tomam conta daquele período, se não forem estimulados corretamente podem tornar a aula um show de uma pessoa só, tudo sabem, tudo fazem, tudo acertam. E não vejo isso como algo ruim, ou algum erro deles, eu percebo como algo que nós professores precisamos de responsabilidade para trabalhar em cada discente os medos, os potenciais e as

virtudes, para que surjam nos momentos oportunos e contribuam com as aulas, tornando o aprendizado significativo e prazeroso para todos – ou sua grande maioria – e não para alguns.

Segundo Fiorentini e Castro (2003, p. 151) “[...] aprender a ensinar é algo que acontece a cada nova classe, a cada novo conceito a ensinar, a cada novo dia, a todo momento... principalmente se o professor der voz aos alunos e os considerar sujeitos de conhecimentos”.

Comecei trabalhando com polígonos e terminei com as tabelas de dupla entrada, que eram os conteúdos propostos para aquele período. Durante as aulas, os alunos demonstraram muita curiosidade pela matemática e sempre me recepcionaram muito bem, alegres e dispostos a descobrirem mais sobre o mundo dos números.

Todos eles pediam para ir ao quadro resolver os exercícios propostos, questionavam sempre e a todo momento, se alegravam com os acertos de todos e se ajudavam nos momentos em que o conteúdo trazia um pouco mais de dificuldade para alguns.

Eu cheguei no primeiro dia imaginando que a dificuldade nesse processo de ensino-aprendizagem seria maior, devido ao grande espaço de tempo em que as aulas foram só remotas e os alunos não tinham muitas vezes os recursos necessários para a construção de conhecimento.

Imaginei, também, que talvez eles não ficassem tão tranquilos com uma professora residente tomando o espaço da professora preceptora, e no final de tudo eu estava enganada. Fui surpreendida positivamente. Os alunos acompanharam muito bem o andamento do conteúdo e as resoluções de atividades, fui recepcionada de uma maneira extrovertida e sempre que eu chegava em sala de aula os olhares e sorrisos atentos me perguntavam o que aprenderíamos naquele dia, sempre demonstrando muito entusiasmo.

Com o passar do tempo nos tornamos uma grande turma, cúmplices nas atividades e resilientes nos momentos de dificuldades, até o final do ano, encerrando mais um ciclo para mim e para eles. Vejamos o que Fiorentini e Castro (2003) dizem:

Acreditar que a formação do professor acontece apenas em intervalos independentes ou num espaço bem determinado é negar um movimento social, histórico e cultural de constituição de cada sujeito. O movimento de formação do professor não é isolado do restante da vida. Ao contrário, está imerso nas práticas sociais e culturais (FIORENTINI; CASTRO, 2003, p. 124).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Venho refletindo sobre os meus dois módulos no PRP, assim como quando terminei a minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) fiz essa mesma reflexão: “o que o Programa me trouxe e o que eu levei ao programa?”

Acredito que por ter feito uma parte de forma remota e a outra parte de forma presencial e por ter atuado neste momento de transição, a minha experiência foi completa. Tive todos os medos e inseguranças de um ensino que eu não conhecia, o remoto. Porém, também tive todas as certezas de um ensino conhecido por mim, o presencial. Além de ter, e tive a oportunidade de desconstruir tudo o que eu pensava sobre os dois, o que eu considero que tenha sido o mais importante na minha formação como docente, pois eu quebrei muitas vezes nesses meses as barreiras que me impediam de crescer como professora, que são a barreira do medo e a barreira da certeza.

O medo é algo natural do ser humano, mas que se eu não superasse, me paralisaria, não sendo bom para ninguém, nem para mim, nem para os meus alunos. Outro aspecto que merece ser destacado foi a necessidade de parar para refletir e descobrir algumas incertezas daquele momento, eu não teria ouvido o silêncio dos meus alunos e as aulas não teriam sido da forma como foram, eu ensinei, mas também aprendi.

(...) Nas organizações sociais modernas, a matemática produz a base para o planejamento e a realização de iniciativas tecnológicas. Por essa razão, a matemática deve ser uma competência prioritária, permitindo aos cidadãos fazer frente a questões matemáticas e, simultaneamente, ter uma postura crítica em relação ao impacto da matemática na sociedade. A associação entre cidadania crítica e a educação matemática deve ser um tema a teorizar e desenvolver. (Skovsmove e Valero, 2002, p. 20).

Penso ter levado ao PRP as minhas experiências anteriores em sala de aula, a vontade de tornar os meus alunos cidadãos críticos e reflexivos, minha

sensibilidade em ouvir o meu aluno mesmo quando ele não sabe se expressar, ou quando se expressa demais, meu instinto de saber quando agir nas diferentes situações que se apresentam no momento da aula, para que eu não deslegitime nenhuma ação que possa se tornar aprendizado para aquele jovem algum tempo depois. Destaco também minha vontade de aprender com meus alunos e com a comunidade escolar, sabendo que a matemática é uma linguagem universal e porta para muitas reflexões.

Pensando na matemática, como objeto de conhecimento, capaz de tornar quem a estuda um cidadão crítico e reflexivo, vejamos o que Garcia (2009) fala:

(...) A Matemática que conhecemos é produção cultural e construção social. É dialógica e a conversação permeia tanto a atividade de pesquisa como a de ensino e aprendizagem. O conhecimento e as competências são adquiridos em prolongada participação, em variadas situações, em diferentes contextos com diferentes pessoas. Sua história relaciona a tradição oriental e o progresso ocidental e está associada a valores sociais positivamente construídos: é saber valioso, no nosso mundo, desejável e de difícil acesso. Inclui um modo de pensar lógico e organizado, frequentemente interpretado como um modo de pensar que leva ao sucesso social e econômico, uma linguagem simbólica concisa, porém, para muitos hermética, um conjunto de técnicas úteis para o desenvolvimento da ciência. É ciência que permite a construção de modelos simplificados da realidade e que facilitam sua compreensão. É estrutura de conhecimentos organizados e encadeados com certa beleza intrínseca, representante do poder da mente humana (GARCIA, 2009, pg. 180).

O dever da matemática na educação básica, mais do que ensinar fórmulas e descobrir incógnitas é ensinar o educando a encarar as facilidades e dificuldades que a vida trará a ele ao longo do percurso, não se preocupando então em que situação usarão as mais variadas fórmulas de forma desconexa, mas sim a como planejar o futuro econômico da sua família, a entender o Imposto de Renda, a descobrir onde ele está pagando tributos, como se dá a cobrança das contas de luz, água, banco, impostos e em outras tantas coisas na vida que a matemática está presente.

Nada mais justo que neste período de pandemia e nesta transição entre a aprendizagem em casa e na escola, a matemática se tornasse o berço de novas descobertas para aqueles estudantes. Fugir das fórmulas e abraçar o

pensamento crítico do meu aluno é mais proveitoso do que uma nota dez na avaliação, e pude trazer isso para eles, a alegria de aprender matemática de forma lúdica, implícita muitas vezes em uma conversa informal e na observação do cotidiano em que eles estão inseridos.

A experiência nos dois módulos em que participei do PRP me permitiu dentre outras oportunidades, observar as professoras preceptoras, o contexto escolar, os meus colegas residentes e os meus alunos, construir laços de amizade e aprender com todos ao meu redor. O tempo empregado para esta atividade serviu como crescimento pessoal e profissional, visto que as aulas foram para mim, objeto de aprendizado. Aprendi mais que ministrar aulas, mas a perceber o meu aluno com um olhar mais humano e sensível à realidade, buscando entender suas necessidades, características e anseios.

Para concluir, entendo a docência como a maior de todas as profissões, e a única ferramenta capaz de mudar o mundo, tenho orgulho do caminho que escolhi seguir, e seja contra quem for, não paremos por aqui, sigamos transformando vidas com a educação.

REFERÊNCIAS

FIORENTINI, Dario; CASTRO, Franciana Carneiro de. Tornando-se professor de matemática: o caso de Allan em prática de ensino e estágio supervisionado. In: FIORENTINI, Dario (Org.). **Formação de Professores de Matemática: explorando novos caminhos com outros olhares**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003. p. 121-156.

GARCIA, V. C. V. Fundamentação teórica para as perguntas primárias: O que é matemática? Por que ensinar? Como se ensina e como se aprende?. **Educação**, v. 32, n. 2, 9 jul. 2009.

GEOGEBRA. **GeoGebra**, 2022. Software de matemática dinâmica Disponível em: <<https://www.geogebra.org/>>. Acesso em: 9 de março de 2022.

IMD – REAL LEARNING, REAL IMPACT. **IMD World Competitiveness Center**. Disponível em <https://worldcompetitiveness.imd.org/countryprofile/overview/BR>. Acesso em: 13 out. 2021.

Referencial Curricular Gaúcho: Matemática. Porto Alegre. Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico, 2018. V1.

SKOVSMOSE, O.; VALERO, P. Quebrando a neutralidade política: o compromisso crítico entre a educação e a democracia. **Quadrante**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 7–28, 2002. DOI: 10.48489/quadrante.22748. Disponível em: <https://quadrante.apm.pt/article/view/22748>. Acesso em: 9 mar. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA, PPC Bagé - Licenciatura em Matemática, Unipampa - Campus Bagé, 139p., 2014

WORDWALL. **Wordwall**, 2022. Criador de recursos didáticos. Disponível em: <https://wordwall.net/>. Acesso em: 9 mar. 22.

Edição especial – Dossiê Residência Pedagógica UNIPAMPA

Enviado em: 07 jul. 2022

Aceito em: 25 ago. 2022

Editores responsáveis: Cristiano Peres Oliveira, Mateus das Neves Gomes